



**13 de Maio de 2013**

*O conteúdo das matérias é de inteira responsabilidade dos meios de origem*

**A missão da ADIMB é a de promover o desenvolvimento técnico-científico  
e a capacitação de recursos humanos para a Indústria Mineral Brasileira**



REUTERS BRASIL

## **VALE OBTÉM LICENÇA AMBIENTAL QUE VIABILIZA SEU MAIOR PROJETO**

A mineradora Vale obteve licença ambiental para a construção de um ramal ferroviário que viabilizará a implantação do maior projeto de minério de ferro da companhia, informou nesta segunda-feira a maior produtora global da commodity.

O ramal ferroviário ligando a mina de Serra Sul de Carajás à Estrada de Ferro Carajás (EFC), no Estado do Pará, é parte integrante do projeto CLN S11D, que permitirá a expansão da capacidade de transporte de minério de ferro na região para 230 milhões de toneladas métricas por ano.

Essa capacidade de escoamento é mais do que o dobro da produção da maior mina da empresa, Carajás, no ano passado. E dará vazão a grandes projetos de expansão da produção que a Vale tem na região.

Na região de Serra Sul (S11D), a Vale trabalha para implantar uma mina e uma usina de processamento com capacidade nominal de produção de 90 milhões de toneladas de minério ao ano. O projeto, o maior da companhia e também da indústria de mineração, deverá entrar em operação no segundo semestre de 2016, com investimentos totais de 8 bilhões de dólares, segundo a empresa.

O projeto S11D constitui-se na "nossa principal alavanca de crescimento da capacidade de produção e da manutenção da liderança da Vale no mercado global em termos de volume, custo e qualidade", disse a Vale em nota nesta segunda-feira.

Paralelamente ao S11D, a Vale prevê implantar até o final do ano o projeto Carajás Adicional, com capacidade nominal de 40 milhões de toneladas ao ano e investimentos projetados de cerca de 3,5 bilhões de dólares.

Ancorada nesses projetos, a Vale prevê elevar sua produção em mais de 40 por cento até 2017, para 460 milhões de toneladas de minério de ferro ao ano, de acordo com estimativa divulgada anteriormente pela companhia.

As licenças anunciadas nesta segunda-feira permitem o início da construção de um ramal ferroviário de 101 quilômetros, que ligará o pátio de estocagem do projeto S11D à Estrada de Ferro Carajás, sendo 85 quilômetros da linha principal e 16 quilômetros da pera ferroviária.

No início de abril, a Vale informou que obteve a licença ambiental que faltava para o Píer IV do terminal marítimo de Ponta da Madeira, no Maranhão, projeto relacionado à expansão de Carajás.

E no final do mês passado a empresa obteve a licença ambiental para operação do terminal ferroviário Ponta da Madeira, no Maranhão, emitida pela Secretaria Estadual de Meio Ambiente.

**Autor: Roberto Samora**

**Fonte: Reuters Brasil**

**Data: 06/05/2013**



## **PRESIDENTE DA VALE DIZ QUE BRASIL PRECISA AUMENTAR PRODUTIVIDADE**

Para a economia brasileira voltar a crescer, o fator mais importante é aumentar a produtividade do país, afirma Murilo Ferreira, presidente da Vale. Ferreira, no cargo desde maio de 2011, foi escolhido pela segunda vez por um grupo de headhunters como o principal executivo do setor de Mineração na 13ª edição do prêmio “Executivo de Valor”, promovida pelo Valor Econômico.

“Vivemos em uma economia global com competidores muito fortes”, destaca Ferreira, que comanda a maior mineradora de ferro do mundo e uma das líderes em níquel e cobre. Segundo ele, para se ter um bom desempenho, a empresa precisa contar com alguns elementos fundamentais. Por exemplo, uma política fiscal competitiva.

O executivo mencionou ainda outros pontos importantes nessa questão: a necessidade de mão de obra qualificada, infraestrutura eficiente, otimização da produção e de projetos e um processo de regulamentação, por parte do governo, focado no longo prazo.

Em uma enquete realizada com todos os vencedores do “Executivo de Valor” deste ano, com base em uma escala de 0 a 10, o presidente da Vale apontou que o que mais preocupa a empresa que comanda ainda é mão de obra, quesito ao qual deu a nota máxima.

Outro barreira apontada pelo executivo é o nível de inadimplência, a quem deu nota 8. Na sequência, ele elegeu o custo do crédito bancário (7), a demanda do país (6), a inflação (5) e o câmbio (4).

Perguntado sobre o impacto da inflação do Brasil sobre os negócios da mineradora, Ferreira disse que não está afetando a Vale.

A 13ª edição do prêmio "Executivo de Valor", concedido pelo Valor Econômico, reconhece as habilidades em gestão em 2012 de 23 gestores, um de cada setor da economia do país. Os prêmios estão sendo entregues hoje pelo presidente do Valor, Alexandre Caldini Neto, e pela diretora de redação do jornal, Vera Brandimarte, em evento realizado no Espaço Rosa Rosarum, em São Paulo.

**Autor(a): Ivo Ribeiro**

**Fonte: Valor Econômico**

**Data: 06/05/2013**



## **HUGE DISAPPOINTMENT OVER BRAZIL'S LARGEST GOLD PROJECT**

Belo Sun Mining (TSX:BSX) dropped by as much as 37% on Tuesday as investors reacted negatively to a pre-feasibility study for its Volta Grande gold project in central Brazil.

By midmorning the Toronto-based company had recovered somewhat to change hands at 68c, still down 23.6% with volumes already three times usual daily average.

Belo Sun is worth \$180 million on the Toronto big board and after today's losses is down 58% in 2013.

According to the study Volta Grande in Pará state, will cost \$750 million to build with projected annual gold production of 313,000 ounces over a 10 year life span.

Cash costs for the project including royalties is pegged at \$711 an ounce with annual operating costs put at \$19.6 million to mine the 2.6 million ounces of recoverable gold.

At a gold price of \$1,450 an ounce, which is above the ruling price today, Volta Grande has a value of \$935 million, but that figure falls to \$474 million assuming a 5% discount rate.

Volta Grande, Brazil's largest gold mine in development, has attracted intense scrutiny from Brazil's federal authorities during the permitting process.

In September last year – after reports about a federal investigation into the project that found inconsistencies in the environmental assessment – Belo Sun withdrew and then quickly re-instated a \$50 million financing deal provoking bewilderment from investors.

Belo Sun owns 100% of Volta Grande and increased its property position from 195 sq. km to 1,305 sq. km in 2011. A feasibility study is scheduled before the end of the year with earliest construction starting in 2016.

The controversial mine in the Volta Grande do Xingu area is to be built near lands of the indigenous Xingu people and 14 km away from the Belo Monte hydroelectric dam, an equally environmentally sensitive project now under construction.

**Autor(a): Frik Els**

**Fonte: Mining.com**

**Data: 07/05/2013**



## **GOVERNO VAI LIBERAR PEDIDOS DE LAVRA SUSPENSOS DESDE 2009**

*Objetivo é aliviar oposição no Congresso a novo marco regulatório*

Em vias de enviar para o Congresso Nacional o novo marco regulatório da mineração, o governo também deverá liberar, paralelamente, algumas autorizações para novas lavras solicitadas até 2009, quando foi suspensa a emissão de licenças à espera do novo arcabouço legal, segundo antecipado pelo colunista do GLOBO George Vidor, na edição de ontem. Como resultado, a produção já caiu cerca de 10% em relação ao ano passado. Agora, a estratégia do governo tem em vista atender a pleitos do setor mineral e aliviar a oposição no Congresso à aprovação da medida provisória.

De acordo com o setor, cerca de R\$ 20 bilhões em investimentos estão represados por causa desses pedidos feitos ao Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), que não foram liberados. No fim do ano, 9,5 mil requerimentos de lavra estavam engavetados no DNPM. Neste ano, até abril, só 40 portarias de lavra foram autorizadas. A indefinição atrasa investimentos de gigantes como ArcelorMittal, Votorantim Metais e AngloGold.

De acordo com o presidente da ArcelorMittal Mineração, Sebastião Filho, a empresa mantém na gaveta desde novembro de 2011 um investimento de R\$ 80 milhões que seria feito em uma nova unidade de britagem (por onde passa o minério de ferro logo após ser extraído) porque não consegue autorização para ampliar a mina de Serra Azul (MG). A produção de minério hoje é de 1,7 milhão de toneladas por ano e a empresa quer ampliá-la para 3,6 milhões de toneladas anuais.

- Só falta a assinatura do ministro (de Minas e Energia, Edison Lobão) - diz Sebastião.

Também para aliviar enfrentamentos no Congresso - que já se acirraram a partir de 2009, quando o governo anunciou que reformularia o marco regulatório do setor -, o Executivo tem

buscado antecipar e resolver as maiores polêmicas, antes de soltar um texto oficial. A ideia, segundo integrantes do governo, é "espancar" o texto ao máximo, para que ele já chegue consensual ao Congresso.

Nas últimas semanas, o governo já anunciou recuos, como a desistência de criar participação especial para jazidas extremamente lucrativas e de licitar áreas em vias de serem liberadas.

**Fonte: O Globo**

**Data: 07/05/2013**



## **PROJETO PREVÊ QUINTUPLICAR PRODUÇÃO NO PAÍS**

*Diamantes: Mina de Lipari em Nordestina, na Bahia, será a primeira em rocha kimberlítica da América do Sul*

Fica numa região pobre e seca no interior da Bahia, onde rebanhos vêm morrendo de sede e boa parte da população depende do Bolsa Família, o alvo de um grupo de investidores estrangeiros acostumados a farejar negócios com diamantes.

É em Nordestina, cidade de 12 mil habitantes, onde está sendo desenvolvida aquela que deverá ser primeira mina de diamantes em rocha kimberlítica da América do Sul. São minas desse tipo que existem nos grandes produtores de diamantes: Rússia, países africanos, Austrália e Canadá.

Quem está a cargo do negócio é a Lipari Mineração, comandada pelo empresário e geólogo canadense Kenneth W. Johnson. Os sócios da Lipari são um fundo de investimentos baseado em Hong Kong, na China, o Favourite Company, e uma empresa familiar da Antuérpia, na Bélgica, a Aftergut & Zonen - ambos com negócios com diamantes pelo mundo.

A empresa já investiu R\$ 60 milhões no chamado Projeto Braúna. No fim de abril, a mineradora apresentou à equipe do governador da Bahia, Jacques Wagner (PT), seu projeto de investimentos de quase R\$ 100 milhões até o fim do próximo ano. O orçamento para este ano é de R\$ 30 milhões.

Análises da Lipari apontam que o tipo de diamante presente na área, que atrai a atenções do setor desde os anos 80, está entre os cinco mais valiosos do mundo. A cidade está em uma região geológica chamada Green Stone Belt Itapicuru, formação semelhante à da África do Sul, favorável à ocorrência de ouro e diamantes.

A Lipari prevê produzir entre 225 mil quilates a 250 mil quilates de diamantes por ano ao longo de sete anos, que é a vida útil inicial estimada na futura mina. Trata-se de uma gota no oceano da produção mundial, que passa dos 120 milhões de quilates. Mas quintuplicará a produção legal anual de todo o país. De acordo com o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), o Brasil produziu 46.292 mil quilates em 2012.

Em um cenário otimista, o Projeto Braúna pode abrir uma porta para mudar a posição do Brasil no mercado mundial de diamantes. Atraindo outros investidores do ramo para a construção de minas em kimberlitos inexplorados no Brasil. O país está há alguns anos fora do radar das grandes mineradoras especializadas.

O cronograma prevê o início da escala comercial no primeiro trimestre de 2015. No fim de 2012, a companhia encerrou a fase de análises de 5 mil toneladas de rocha. Foi quando ratificaram a viabilidade econômica da mina. Em janeiro, um estudo de uma consultoria externa encomendado pela Lipari projetou lucro líquido de US\$ 330 milhões durante os sete anos. As pedras brutas deverão ser vendidas em Antuérpia, Tel-Aviv (Israel) e Dubai (Emirados Árabes Unidos), centros mundiais de comércio das pedras, segundo Johnson.

A Lipari está em fase de obtenção da licença prévia do Estado da Bahia para seu projeto. A expectativa é consegui-la até agosto. E a licença de instalação - que vai permitir a abertura da cava - no fim do ano. Se assim ocorrer, a construção da mina e da unidade de processamento se estenderá por 2014.

O Brasil sempre extraiu diamantes na superfície do solo ou no leito de rios, longe da escala atingida na extração em kimberlitos

A mina será a céu aberto. A boca terá 340 metros de diâmetro e 250 metros de profundidade. É a estrutura adotada nas minas de diamantes dos grandes produtores no mundo: uma grande cratera, cujas laterais em degraus servem de "ruas" para que caminhões fora de estrada retirem toneladas de rocha onde estão os diamantes. Há cerca de 20 dessas minas em rochas kimberlíticas ou de outra natureza - chamadas de fontes primárias - no mundo.

O Brasil, que já foi o maior produtor de diamantes do mundo até o século 19 - antes das descobertas das minas da África -, sempre extraiu o mineral de camadas superficiais do solo ou do leito de rios, em garimpos de aluvião, um tipo de produção que não alcança a escala da extração em kimberlitos.

A Lipari extraiu no ano passado cerca de 2 mil quilates de diamantes do kimberlito Braúna 3, onde será construída a mina. São diamantes para estudos geológicos e econômicos que estão guardados num cofre de uma empresa de segurança em Salvador. "Eles são similares em qualidade aos que são produzidos na África do Sul", disse Johnson ao Valor.

Com base nos dados coletados e em avaliações independentes, Johnson diz que os diamantes do local têm alta qualidade para à indústria joalheira. "Nossa expectativa é que os diamantes produzidos no Projeto Braúna tenham potencial para estar entre os top 5 do mundo em termos de preço." Ele afirma que a última avaliação, de novembro, apontou valor médio dos diamantes do projeto de US\$ 284 o quilate. "Provavelmente, o valor de venda oscilará entre US\$ 275 e US\$ 325 o quilate durante a operação da mina."

O geólogo Francisco Valdir Silveira, chefe do Departamento de Recursos Minerais do Serviço Geológico Brasileiro (CPRM, na sigla antiga) e coordenador do Projeto Diamante Brasil, que faz uma espécie de tomografia das áreas com potencial do país, destacou que o projeto "tem uma grande vantagem, os diamantes coloridos, e se surgir uma pedra grande colorida, paga o projeto."

Diamantes já retirados em Nordestina sinalizam que a qualidade das pedras é similar às extraídas na África do Sul

Para os moradores de Nordestina, tudo isso ainda é um susto. Embora os estudos se arrastem por alguns anos, só em abril o negócio ganhou a imprensa baiana após a empresa ter discutido detalhes com o governo do Estado. "Há umas semanas, o vice-governador Otto Alencar me ligou e disse: "Você não tem noção do que vai acontecer no seu município"", conta o prefeito, Wilson Araújo Matos (PSD). A cidade terá receita adicional de milhões referentes a royalties e muita oferta de trabalho. Na fase de construção, serão criados cerca de 600 empregos - 330 durante a operação. Hoje o maior empregador da cidade é a prefeitura, com cerca de 600 funcionários.

Como quase todo o Nordeste, a cidade está sendo castigada pela seca que entra em seu terceiro ano. Já perdeu perto de 50% das 13 mil cabeças de vaca, ovelhas e cabras que seus moradores possuíam, segundo o secretário municipal da Agricultura, João Batista de Andrade. Sua economia roda basicamente com recursos de aposentadorias, salários dos servidores, recursos do Bolsa Família e de garimpos clandestinos de ouro.

Na cidade, há um clima de expectativa sobre os diamantes. De pequenos comerciantes a agricultores e funcionários públicos todos têm histórias para contar. Dizem que a mineradora vai construir um aeroporto para levar os diamantes para o exterior [será, na verdade, uma pista de pouso no projeto]; que com o início da operação, a cidade corre o risco de se encher de prostíbulos e drogas, tal qual um grande garimpo; e que a terra na cidade agora vale muito, mais muito mais por causa do projeto. De fato, de repente, falar em milhões de reais por um pedaço de chão de terra seca na cidade passou a ser comum. Motivo: empresa está em fase de discussão e avaliação sobre a aquisição de terras.

A nova usina de processamento dos diamantes está sendo construída parte em São Paulo, pela Metso, e parte pela ADP Marine & Modular, da Cidade do Cabo, na África do Sul. Ela vai custar US\$ 25 milhões e terá capacidade de processar 100 toneladas por hora de rocha. A unidade atual tem capacidade para 10 toneladas. O novo equipamento deve chegar no fim do ano à Bahia.

"Não temos dificuldade para emitir os licenciamentos para nenhum projeto na Bahia. As licenças não serão obstáculos para eles [Lipari], como não são para projetos de outros minérios", diz o secretário estadual da Indústria, Comércio e Mineração, James Correia.

Os riscos são os mesmos e velhos conhecidos das mineradoras: uma nova crise internacional, que levaria para baixo o preço dos diamantes e retraina fontes de capital; dificuldades burocráticas no licenciamento ambiental na Bahia; as incertezas em relação ao novo código mineral que o governo prepara; elevação de custos se o cronograma for alterado; e dificuldades nas negociações com os donos das terras onde está o projeto.

"Não vejo por que não dar certo. O mercado de diamantes está reaquecendo, a demanda reagindo depois da queda provocada pela crise de 2008, e não existem novas descobertas [de kimberlitos] no mundo", diz Silveira, do CPRM. "Todos estão procurando novas fontes de diamantes", afirma Johnson.

Estimativas do setor apontam que a demanda mundial por diamantes brutos subirá da casa dos US\$ 14 bilhões atuais para quase US\$ 20 bilhões até o fim da década ao mesmo que as minas atuais estão perdendo fôlego.

"Acredito que com Braúna produzindo, investidores possam se sentir atraídos por outros projetos no Brasil", diz Silveira. Há pelo menos outros três kimberlitos bastante estudados no país que estariam prontos para projetos de minas, afirma o geólogo: em Minas, Mato Grosso e em Rondônia.

**Autor(a): Marcos de Moura e Souza**

**Fonte: Valor Econômico**

**Data: 07/05/2013**



## EXPEDIÇÃO DESCOBRE INDÍCIOS DE CONTINENTE SUBMERSO NO ATLÂNTICO SUL

O Serviço Geológico do Brasil (CPRM) divulgou nesta segunda-feira (6/5) durante abertura da exposição sobre Geologia Marinha, no Rio de Janeiro, resultado preliminar da expedição inédita realizada em parceria com o Japão, em águas internacionais do Atlântico Sul, com submersível Shinkai 6500, que levou pesquisadores brasileiros ao leito do oceano, em uma região conhecida como elevação do Rio Grande, onde a CPRM realiza uma série de pesquisa para avaliar o potencial mineral da região.

Durante coletiva à imprensa, o diretor de Geologia e Recursos Minerais da CPRM, Roberto Ventura, anunciou a descoberta de rochas de granito durante os mergulhos do Shinkai. "Essas amostras reforçam a hipótese de que a Elevação do Rio Grande é um continente que afundou há 100 milhões de anos, quando a América do Sul se separou da África. Isso pode revolucionar nossa



compreensão sobre a formação e evolução da crosta terrestre”, disse Ventura, acrescentando a necessidade de mais estudos para confirmar a hipótese.

Ao todo, o Shinkai 6500 fez sete mergulhos entre a Elevação e a Dorsal de São Paulo, quatro deles levando pesquisadores brasileiros. Todos os locais foram escolhidos pelo CPRM com base em expedições realizadas antes na região. Além do granito, importante, do ponto de vista científico, foram encontrados indícios de minerais como ferro, manganês, cobalto, cobre, níquel, nióbio e tântalo.

**Expedição** – Iatá-Piuna “Navegando em Águas Profundas e Escuras, na língua Tupi-guarani”, teve seu início no dia 13 de abril, quando partiu de Cape Town, na África do Sul, levando a bordo seis pesquisadores brasileiros e cientistas japoneses. A expedição está mapeando e recolhendo material geológico e biológico do leito marinho do Atlântico Sul, inclusive de áreas da Plataforma Continental e da Zona Econômica Exclusiva brasileiras. No primeiro trecho da expedição foram percorridas a Elevação do Rio Grande e a cordilheira de São Paulo. No segundo trecho, será explorado o Platô de São Paulo para a pesquisa científica da biogeografia e da biodiversidade dos fundos marinhos, e da possível identificação de recursos naturais e minerais com usos econômicos.

**Cooperação Brasil Japão** – A expedição Iatá é o marco principal da cooperação Brasil-Japão em Oceanografia, Ciências do Mar e Tecnologia de Oceanos, iniciativa decorrente de acordo de cooperação técnica, celebrado entre o Serviço Geológico Brasileiro (CPRM), o Instituto de Oceanografia da Universidade de São Paulo (IO-USP) e a Agência Japonesa de Ciências do Mar e da Terra (JAMSTEC).

**Fonte:** CPRM

**Data:** 09/05/2013



## **ECONOMIC GEOLOGIST BRENT COOK ON VOLATILITY, SUMMER DOLDRUMS AND THE BIG PICTURE FOR JUNIOR GOLD STOCKS**

We called up Brent Cook, economic geologist and editor of Exploration Insights, for a quick conversation on the junior resource sector as we head into the summer doldrums yesterday (MP3 download link).

Mining stocks are cheap but Brent’s not calling the bottom yet. “If you buy something in this market, be prepared to buy the same number of shares at half the price and have enough money to do that again, assuming your thesis holds together,” he told us.

Brent is optimistic for the good projects, however: 100 of the 1800 TSX-V companies are undervalued, he believes. Eventually, larger mining companies will need to acquire their deposits. He sees acquisitions picking up in the next 6 to 24 months.

Cook’s main theme was simply for investors to take a longer view of investing in mineral deposits and ignore the short term market volatility. “Forget about the daily fluctuations and what the gold price is and ask yourself what does the word look like 1, 2, and 3 years from now and plan for that eventuality.”

In Brent’s mind, there’s good times ahead for companies with real deposits, and it’s his job to figure out just which those companies are. In 2012, an otherwise horrible year for junior mining stocks, his Exploration Insights portfolio was up over 50%. “Brent does an anomalously good job as a newsletter writer,” Sprott USA Chairman Rick Rule told us.

An MP3 recording of our conversation with Brent is available for download here, with our apologies for the quality as this was our first effort at audio.

Companies mentioned include Colorado Resources (5:30), Lydian International (8:15), Fission Uranium/Alpha Minerals (14:30), and Denison Mines (19:30).

**Autor(a): Tommy Humphreys**

**Fonte: Mining.com**

**Data: 04/05/2013**



## **AMERICA FINDS MASSIVE SOURCE OF LITHIUM IN WYOMING**

The U.S. currently imports more than 80% of the lithium it uses, with the silvery metal winding up in batteries from cell phones to electric cars.

According to a United States Geological Survey publication on lithium, “The only commercially active lithium mine in the United States was a brine operation in Nevada. The mine’s production capacity was expanded in 2012, and a new lithium hydroxide plant opened in North Carolina. Two companies produced a large array of downstream lithium compounds in the United States from domestic or South American lithium carbonate, lithium chloride, and lithium hydroxide. A U.S. recycling company produced a small quantity of lithium carbonate from solutions recovered during the recycling of lithium ion batteries.”

The bad news?

Last year virtually all of the major brine and mineral-based lithium producers increased their prices, which in turn has spurred prospecting. In the U.S. exploration has been largely centered in Nevada, but the growing worldwide market for lithium has also spurred exploration in Argentina, Australia, Bolivia and Canada.

And now, the good news.

University of Wyoming researchers found the lithium while studying the idea of storing carbon dioxide underground in the Rock Springs Uplift, a geologic formation in southwest Wyoming. University of Wyoming Carbon Management Institute director Ron Surdam stated that the lithium was found in underground brine. Surdam estimated the located deposit at roughly 228,000 tons in a 25-square-mile area. Extrapolating the data, Surdam said as the uplift covered roughly 2,000 square miles, there could be up to 18 million tons of lithium there, worth up to roughly \$500 billion at current market prices.

As a yardstick, the lithium reserves at Silver Peak, Nevada, the largest domestic producer of lithium total 118,000 tons in a 20-square-mile area. The University of Wyoming stated that in a best-case scenario, the Rock Springs Uplift’s 18 million tons of potential lithium reserves is equivalent to roughly 720 years of current global lithium production. UW researchers suggest that the lithium mining could be part of a carbon dioxide sequestration operation, since the lithium-bearing brine must be pumped to the surface from the underground rock formation to extract the lithium, creating space to store the CO<sub>2</sub> in its place. Surdam highlighted the economic advantages to the combined lithium-CO<sub>2</sub> storage operation, commenting, "You get paid to put the carbon in the subsurface and that'll pay for the wells to remove the lithium."

Carbon Management Institute senior hydrogeologist Scott Quillinan said, “Due to their high salinity, brines from the CO<sub>2</sub> storage reservoirs would have to be pumped to the surface and treated – often an expensive process. Recovering and marketing lithium from the brines would produce significant revenue to offset the cost of brine production, treatment and CO<sub>2</sub> storage operations.”

Several fortunate factors converge to make the lithium- CO2 storage reservoir concept more than merely feasible. While lithium production from brines requires sodium carbonate (soda ash), transporting soda ash to lithium production facilities is often a significant expense the Rock Springs Uplift CO2 storage site is located 20-30 miles of the world's largest industrial soda ash supplies, so costs of soda ash delivery would be minor. While magnesium must be removed from brines before they can be used for lithium recovery, the Rock Springs Uplift reservoirs contain much less magnesium than brines at existing, currently profitable lithium mining operations. While brines must be heated and pressurized before lithium can be extracted, the Rock Springs Uplift brines lie so far underground, they are already at a higher pressure and temperature than brines at existing lithium operations, allowing any potential operators largely eliminate the step, further lessening costs. Finally, the treated water resulting from the recovery process could benefit local communities, agriculture and industry.

It will be interesting to see if any investment entities step up to the plate on this.

*\*By. John C.K. Daly of Oilprice.com*

**Autor: John C.K. Daly do Oilprice.com**

**Fonte: Mining.com**

**Data: 04/05/2013**



## **MERCADO GLOBAL DE OURO CONVERGE PARA O EQUILÍBRIO**

*A demanda pelo metal deve subir mais lentamente e o consumo deve se recuperar no segmento industrial e de joias. No Brasil, 12º maior produtor mundial, a oferta crescerá lentamente. Os preços devem continuar em declínio e chegar a US\$ 1.350 em 2015.*

Depois da queda do preço do ouro do fim de 2012 até abril de 2013, o mercado começa a apresentar sinais de mudança.

Do ponto de vista da demanda, a procura do ouro como investimento tem se enfraquecido, na mesma medida em que ouro com preço mais baixo estimula o seu uso em joias. A questão chave para o mercado em 2013 é se o consumo de ouro na forma de joias vai compensar a queda do consumo do metal na forma de investimentos.

A previsão do Economist Intelligence Unit é que o consumo global do metal amarelo vai cair 4,7% em 2013, depois de uma queda de 6,2% em 2012, antes que ocorra uma reversão em 2014.

O governo indiano tenta desencorajar a importação de ouro. O país teve, no último trimestre de 2012, crescimento anual de 35%. Mesmo assim, o consumo indiano de ouro, na forma de joias, caiu 11% em 2012, de acordo com o World Gold Council (WGC).

A China vai permanecer como o segundo maior mercado de ouro em joias no período 2013-14. Em 2012, o consumo de ouro para esse fim caiu somente 1% comparado a 2011.

O alívio na crise financeira internacional será negativa para a demanda de ouro como investimento. Assim, não deve haver crescimento nessa forma de demanda este ano, mas com potencial de crescimento de 3% em 2014.

O consumo industrial do metal deve aumentar com a redução do preço. Depois de uma queda de 5,5% em 2012, os preços menores em 2013 e 2014 devem ajudar a aumentar a demanda para uso industrial, em especial eletrônicos e como catalisador em dispositivos de controle de emissões e células solares.

A oferta de ouro em 2013 deve subir 3,2% pois está em fase de recuperação devido a interrupções ocorridas em 2011-12. Investimentos em expansão de minas existentes vão interromper o declínio de longo prazo mas, a recente queda no preço da commodity põem em cheque alguns planos de expansão. A conclusão do Economist Intelligence Unit é que, em 2014, o crescimento deve ser de apenas 1,7%.

A produção mundial de ouro manteve-se estável em 2012, segundo dados do WGC. O World Bureau of Metal Statistics (WBMS) sugere que a produção das minas caiu 0,8% no ano. A perspectiva da produção na África do Sul para o segundo semestre do ano é neutra. O país se esforça para entrar de novo no ritmo.

Na China, a produção cresce em ritmo menor devido à redução do preço. Maior produtor de ouro do mundo, a China elevou sua produção em 12% no ano passado, segundo dados da WBMS. O ministério da Indústria e da Tecnologia de Informação publicou estimativas de produção de ouro da ordem de 450t em 2015.

A produção no Canadá deve se recuperar até 2014. Segundo o WBMS, a produção cresceu 2% em 2012, depois da arrancada em 2011, quando cresceu 10%. A produção no Canadá, segundo maior produtor mundial, deve crescer 3% em 2013 e 2014.

Nos EUA a produção deve continuar estagnada em 2013-14. De acordo com a WBMS, a produção caiu 3,2% em 2012. O país continua a ser o terceiro produtor de ouro mas em breve será ultrapassado pela Rússia.

A produção de ouro na Rússia cresceu 6% em 2012, apesar de haver dados contraditórios. O WBMS sugere que em 2012 a produção permaneceu estável, enquanto que as estatísticas locais da Gold Industrialists Union informar crescimento de quase 8%, chegando a 220t.

A previsão de crescimento em 2014 é de somente 2%, uma vez que nos empreendimentos da Polyus Gold, maior mineradora do país, devem entrar em operação somente em meados de 2014.

No Brasil, a previsão é de pequeno crescimento na produção. Em 2014, a produção deve ser 3,2% maior do que em 2012.

Na Austrália, novas minas entram em operação e fazem com que a produção volte a crescer. O crescimento médio anual em 2013 e 2014 deve ser de 2% a 3%.

No Peru, a preocupação com o impacto social da mineração pode afetar investimentos. Em 2012, a produção nesse país, sexto maior produtor no mundo, caiu 2% em 2012, segundo dados do WBMS. A produção em pequenos países produtores na África pode se mostrar inviável com a queda dos preços.

Gana, segundo maior produtor da África depois da África do Sul, a produção de 2012 foi revisada para cima e subiu 13%. A produção local recebeu muitos investimento chinês. Isso ajudou no aumento da produção e no uso de tecnologia mais moderna. Contudo, riscos sociais e ambientais pode atrasar a expansão da produção até 2014,

Não se espera que os preços do ouro se recuperem rapidamente da baixa recente. A redução do preço do ouro se acelerou em 2013, perdendo mais de 7,5% até início de abril. A queda do preço deve se aprofundar lentamente até chegar em US\$ 1.350 por onça em meados de 2015.

Produção de Ouro (em toneladas)					
	2010	2011	2012	2013	2014
Oferta das minas	2739	2836	2848	2868	2848
China	341	361	404	424	436
Austrália	260	258	246	251	258
EUA	231	234	226	228	229
África do Sul	191	187	163	153	146
Rússia	200	210	223	223	227
Peru	164	164	161	164	170
Indonésia	127	74	54	59	62
Gana	92	88	99	104	107
Canadá	91	100	102	105	108
Uzbequistão	73	73	73	74	74
México	70	87	94	99	101
Brasil	61	61	61	62	63
Vendas oficiais	-77	-457	-535	-450	-380
Sucatas de ouro	1723	1669	1626	1622	1639
Hedging líquido do produtor	-108	11	-20	5	8
Total	4278	4059	3919	4046	4115
% Variação	7,8	-5,1	-3,4	3,2	1,7

Fonte: WGC, WBMS e The Economist Intelligence Unit

Fonte: Notícias de Mineração

Data: 08/05/2013



## **GARIMPO: PARÁ PROÍBE E RESTRINGE ATIVIDADE NO TAPAJÓS**

O Governo do Pará proibiu a concessão de novas licenças e/ou autorizações ambientais para atividade garimpeira nos leitos e margens dos tributários diretos e indiretos do Rio Tapajós. A ressalva é feita aos leitos constituídos de correntes não navegáveis nem flutuantes, até que seja editado ato normativo pelo órgão ambiental competente que regule ambientalmente a atividade garimpeira. As licenças e/ou autorizações ambientais para atividade garimpeira com Escavadeira Hidráulica e Equipamento Flutuante – Dragas, Balsas Chupadeiras e Balsinhas, nos tributários diretos e indiretos do Rio Tapajós, que porventura tenham sido concedidas pelo órgão ambiental ficam no prazo de 60 dias com sua validade suspensa, devendo ser desmobilizado todo o maquinário. A concessão ou renovação de licenças e/ou autorizações ambientais minerais no leito do Rio Tapajós somente serão possíveis após análise técnica da Secretaria Estadual de Meio Ambiente – SEMA. O descumprimento do disposto no Decreto sujeita o infrator a imediato embargo da atividade e às penalidades administrativas, cíveis e penais, na forma da legislação em vigor.

**Fonte: Brasil Mineral**

**Data: 08/05/2013**



## **PRIMEIRO FURO EM PREMIER NORTH APONTA POTENCIAL DE OURO EM GOIÁS**

*A Cleveland Mining apresenta o resultado do primeiro furo da campanha de sondagem do projeto Premier North, em Goiás, onde identificou intersecção de 60 metros de xistos de grafita, material similar ao da mina Serra Grande, da AngloGold Ashanti.*

A Cleveland Mining disse que o primeiro furo da campanha de sondagem adiamantada do projeto Premier North identificou intersecção de aproximadamente 60 metros de xistos de grafita carbonosos, material muito similar a zonas de produção de ouro Premier, da Cleveland, e da mina Serra Grande, da AngloGold Ashanti, que tem recursos de 5 milhões de onças e fica a um quilômetro de Premier.

Os testes estão sendo executados pela Acme Laboratórios, em Santiago (Chile). Os projetos Premier e Premier North ficam em Crixás (GO).

O furo PGPDH 00166 foi projetado para testar a profundidade e ângulo potenciais para o corpo mineral de Premier pela projeção de sua extensão, cerca de 3,5 quilômetros, para o norte, baseado em históricos de sondagem na região.

David Mendelawitz, diretor administrativo da Cleveland disse que a intersecção é muito animadora porque dá grande clareza para a escala do projeto Premier.

"A intersecção é bem mais espessa do que o afloramento do minério de Premier e parece ter grande similaridade com o minério de Serra Grande, fortalecendo a visão de que há um potencial significativo para o recurso de Premier."

O furo interceptou o mesmo tipo de rocha, estruturas e sulfetos associados com os corpos minerais tanto em Premier quanto em Serra Grande.

A mina de ouro Serra Grande, da AngloAshanti, foi uma das mais lucrativas minas de ouro do mundo nos últimos 20 anos. Já produziu 3,5 milhões de onças, sendo que a lavra está atualmente a 800 metros de profundidade.

Cleveland Mining planeja fechar a malha de sondagem entre o corpo mineral de Premier e novo furo em Premier North para verificar até onde vai a última intersecção

Além do primeiro furo de sondagem em Premier North, a companhia também fez 19 furos em torno do corpo mineral como parte do programa para expandi-lo.

No Brasil, a empresa tem o projeto de minério de ferro Ferradura, localizado no estado do Amapá. Em março a empresa informou que o projeto Porto Grande, também no Amapá, foi cancelado devido ao baixo potencial apresentado pela mina.

**Fonte: Notícias de Mineração**

**Data: 07/05/2013**



## **BELO SUN MINING CONCLUI ESTUDO DE VIABILIDADE EM PROJETO DE OURO**

*A empresa finalizou estudo preliminar de viabilidade de seu projeto de ouro Volta Grande, no Pará. O projeto possui VPL de US\$ 474,2 milhões, custo operacional direto de US\$ 711,50 a onça de ouro e capacidade de produção de 313 mil onças de ouro por ano.*

A Belo Sun anunciou ontem a conclusão de estudo preliminar de viabilidade de seu projeto de ouro Volta Grande, em Altamira, no Pará. O estudo de viabilidade identificou que o projeto possui valor presente líquido (VPL) de US\$ 474,2 milhões, despesas de capital inicial de US\$749 milhões e custo operacional direto de US\$ 711,50 por onças de ouro.

O VPL foi calculado usando taxa de desconto de 5% e US\$ 1.450 por onça de ouro. O estudo de viabilidade identificou vida útil da mina de 10 anos, com capacidade de processamento de 7 milhões de toneladas por ano e produção média de ouro de 313 mil onças de ouro anualmente.

“Estamos satisfeito com o resultado do estudo de viabilidade, contudo a equipe da Belo Sun continuará trabalhando em oportunidades para otimizar os recursos do projeto” afirmou Mark Easton, presidente e CEO da Belo Sun, por meio de comunicado.

Há três semanas, a empresa atualizou os recursos do projeto Volta Grande. Os resultados incluíram 72 furos, com total de 19.669 metros de sondagem, indicando recursos medidos e indicados de 4,7 milhões de onças de ouro com teor médio de 1,68 g/t Au.

Uma nova atualização dos recursos do projeto está prevista para o terceiro trimestre do ano. Os resultados dessa revisão serão usados para o desenvolvimento de estudo de viabilidade final, que poderá indicar que o projeto volta Grande possui reservas provadas e prováveis de mais de três milhões de onças.

O estudo de viabilidade final deve ser concluído no último trimestre do ano e definições sobre a construção do projeto devem ser anunciadas logo após o estudo ser concluído. A empresa espera iniciar a produção no projeto Volta Grande no começo de 2016.

O projeto Volta Grande fica na província mineral de Tapajós, no Pará. A mineralização de ouro no projeto ocorre ao longo de uma zona de cisalhamento de substituição hidrotermal intensa. A empresa detém direitos de exploração em área de 130.541 hectares. O portfólio de ativos da Belo Sun no Brasil incluem os projeto de ouro Patrocínio, no Pará, e o projeto Rainbow, em Goiás.

**Fonte: Notícias de Mineração**

**Data: 07/05/2013**



## **INV METALS NEGOCIA PROJETO DE OURO NO PARÁ**

*A empresa canadense INV Metals, em parceria com a Teck Resources, está negociando parte de seu projeto de ouro e cobre Rio Novo, no Pará, para dar continuidade ao desenvolvimento do projeto.*

A INV Metals e a Teck Resources, através de sua subsidiária no Brasil, firmaram contrato de opção com empresa privada brasileira, referente ao alvo Rio Novo South, parte do projeto de cobre e ouro Rio Novo, no Pará. O acordo prevê que a empresa brasileira financiará US\$ 6 milhões em despesas de exploração do Rio Novo South por 60% de participação no alvo.

A INV, em parceria com a Teck Resources detem 50% de participação no projeto Rio Novo.

O projeto Rio Novo, fica localizado em Carajás, Pará, e é um dos principais ativos da INV Metals. O Rio Novo tem área de 29 mil hectares e fica a 2 km a leste de Serra Pelada. De acordo com a empresa, possui grande potencial para a exploração de metais preciosos e também de minério de ferro.

Conforme o acordo, a empresa brasileira se comprometeu a financiar US\$ 2,5 milhões em despesas de exploração até 31 de dezembro de 2014, sendo que US\$ 1 milhão será pago até 31 de dezembro de 2013.

Dentro do valor total de investimento, a empresa brasileira deve concluir 6.000 metros de sondagem, dos quais 5.200 metros devem ser sondados em alvos de cobre identificados anteriormente pela INV Metals e pela Teck.

Caso a empresa brasileira não cumpra os investimentos acordados nas datas previstas, a opção será terminada e a empresa será obrigada a pagar metade do valor do deficit para a INV Metal e para a Teck.

Em comunicado, a INV informou que continua com esforços para desenvolver o projeto de ouro Loma Larga, no Equador. Atualmente sondagens estão sendo realizadas no local.

No Brasil, a empresa possui outro projeto de exploração de ouro. O projeto Itaporã, no Pará, está localizado em uma área de 16.760 hectares e as ocorrências do mineral acontecem no Greenstone Belt do Arqueano Andorinhas.

Além de estar presente no Equador e Brasil, a INV Metals explora, opera e desenvolve projetos de metais preciosos na Namíbia e no Canadá.

**Fonte: Notícias de Mineração**

**Data: 09/05/2013**



## **LARGO RESOURCES PODE SE TORNAR LÍDER MUNDIAL EM VANÁDIO**

*Largo Resources tem potencial para se tornar o principal produtor de vanádio no Brasil, afirma analista depois de visitar o projeto Manacás, na Bahia.*

Depois de uma visita recente ao projeto de vanádio Maracás (BA), a analista da Euro Pacific Canadá, Luisa Moreno, que desenvolveu uma pesquisa sobre a Largo, se mostrou confiante pelo fato de que o carro-chefe da canadense está programado para iniciar sua produção comercial em 2014.

O projeto tem como alvo a produção média anual de 11,4 mil toneladas de pentóxido de vanádio (V<sub>2</sub>O<sub>5</sub>), em uma vida útil da mina de 29 anos. No começo do terceiro ano, a planta vai converter uma porção de pentóxido de vanádio produzido em ferrovanádio, para gerar dois produtos, com uma média de 3.830 toneladas de ferrovanádio.

Largo já assinou um acordo de venda antecipada, válido por seis anos, com a trader internacional de commodities GlencoreXstrata, para 100% da sua produção. A analista da Euro Pacific acredita que a empresa continuará a expandir seus recursos e, possivelmente, a produção, dependendo das condições de mercado.

Moreno, após a visita ao local, soube que o projeto já recebeu cerca de 40% do equipamento necessário para a dar início à produção e que já foram feitos mais de 90% do investimento total previsto para o projeto, isso tudo dentro do cronograma planejado.

O comissionamento está previsto para começar no quarto trimestre, com as primeiras vendas no próximo ano e a produção total em 2016.

"O depósito de Maracás é de alta qualidade e tem uma mineralização que favorece um processo relativamente simples e econômico, que poderia tornar a Largo uma produtora de vanádio de baixo custo. O ramp-up da produção será no início de 2014 e o projeto deve gerar significativo fluxo de caixa a preços correntes de V<sub>2</sub>O<sub>5</sub>, que deverá aumentar no médio prazo, devido à crescente demanda e oferta instável", disse Moreno na pesquisa.

Embora a analista não tenha avaliado a Largo, Moreno concluiu que, assim como a Companhia Brasileira de Mineração e Metalurgia (CBMM) se tornou o maior produtor de nióbio do mundo, a Largo tem potencial para se tornar um grande fornecedor de vanádio de baixo custo.

**Fonte: Notícias de Mineração**

**Data: 10/05/2013**



## **CRUSADER RECEBE US\$ 10M PARA PROJETO DE OURO NO BRASIL**

*A empresa australiana recebeu a primeira parcela de financiamento de US\$ 10 milhões para desenvolver o projeto de ouro Borborema, no Rio Grande do Norte, e o projeto de minério de ferro Posse. O valor total do financiamento, obtido pelo banco Macquarie, é de US\$ 20 milhões.*

A Crusader Resource recebeu primeira parcela de 10 milhões de um mecanismo de financiamento com o banco Macquarie. A parcela faz parte de acordo de financiamento de US\$ 20 milhões com o banco. O dinheiro será usado para desenvolver o Projeto Ouro Borborema, no Rio Grande do Norte. Do total da primeira parcela, cerca de US\$ 5 milhões podem ser usados pela Crusader para expansão do projeto de minério de ferro Posse, em Minas Gerais.

O pagamento da parcela restante de US\$ 10 milhões está sujeita a um processo de aprovação em separado do primeiro pagamento.

De acordo com a Crusader, a combinação do financiamento e do bom fluxo de caixa do projeto Posse coloca a empresa em uma posição financeira positiva para acelerar os dois principais projetos da empresa no Brasil.

Recentemente a Crusader obteve concessão de área próxima ao projeto Borborema. De acordo com a empresa, a área possui potencial para mineralização de ouro similar ao projeto Borborema e deve aumentar o recursos totais do projeto.

As principais condições do financiamento são vencimento em 31 de dezembro de 2014, taxa de juros de 8,5% sobre a Bank Bill Swap Bid Rate (BBSY), 2,5% de taxa de financiamento para cada

parcela, quando disponível, e emissão de 1 milhão de opções de ações, com preço de exercício de US\$ 0,48 e com validade até 31 de dezembro de 2014.

O projeto Borborema está localizado na região de Seridó, Rio Grande do Norte e consiste de três concessões de mineração com área total de 29 km quadrados, incluindo o título de propriedade da área de prospecção principal.

De acordo com resultados anunciados em novembro, o projeto possui 1,6 milhão de onças de ouro lavrável em 42,2 milhões de toneladas @1,18 gramas por tonelada.

Estudo de viabilidade financeira está sendo realizado e irá considerar produção de 4 milhões de toneladas por ano.

Em março, a Crusader realizou sua primeira venda de minério de ferro do projeto Posse. Este mês a empresa espera aumentar a produção de minério de ferro para 50 mil toneladas e com a obtenção de licenças adicionais, espera-se que a produção seja expandida para 1 milhão de toneladas no ano.

O projeto Posse, localizado a 30km de Belo Horizonte, possui 4,83 milhões de toneladas de recursos indicados e 31,1 milhões de toneladas de recursos inferidos @43,5% Fe.

**Fonte: Notícias de Mineração**

**Data: 10/05/2013**



## **GURUPI COLOCA MARANHÃO NO MAPA DO OURO**

*A região tem longa história de exploração e produção de ouro e vive intenso movimento de transações nos últimos anos. As principais empresas que atuam na área tem projetos em fase pré-operacional são Luna Gold, Jaguar, Brazil Resources e Kinross.*

A história do cinturão de ouro do Gurupi tem perto de 400 anos. O primeiro registro histórico sobre a região data de 1624 quando, em Lisboa, Estácio da Silveira publicou sua “Relação das Coisas do Maranhão”, na qual mencionou uma região rica em ouro e prata, na Amazônia Oriental. Desde essa época foi extraído muito ouro e propriedades trocam de mão constantemente nessa área que fica parte no Pará, parte no Maranhão.

Oficialmente, o Pará produz somente 3% do ouro no Brasil, enquanto o Maranhão sequer aparece nessa estatística. Quando se fala de ouro primário, o Pará aparece com 8,7%, em 2011, segundo o anuário estatístico do DNPM. Com o início da produção da mina Aurizona, da Luna Gold, o Maranhão deve fazer sua estreia nas estatísticas de ouro do DNPM.

Há muitas empresas operando na região. Além da gigante Kinross, quinta maior mineradora de ouro do mundo, estão presentes a Luna Gold, única com mina em produção na região, a Jaguar Mining, a Brazil Resources, e muitas empresas com pequenas propriedades como a Odebrecht, a Diamante Brasil, a Terraservice, a Mineração Impertinente entre outras.

A júnior Brazil Resources, com sede no Canadá, tem quatro áreas de exploração, sendo uma no Pará, a Cachoeira; e três no Maranhão, Montes Áureos, Trinta e Mauá. A empresa disse que poderia começar a produzir em 2016. Até o momento, seu principal ativo na região, o projeto Cachoeira, no Pará, com recursos totais de 17,4 Mt @1,40 g/t de ouro, o equivalente a 786.737 onças de ouro, mas a campanha de sondagem não foi iniciada. Entre os sócios dessa empresa está o banqueiro Mário Garnerio.

No Brasil, a Kinross é a única dona da Rio Paracatu Mineração (RPM) e tem participação de 50% no controle acionário da Mineração Serra Grande, o que a torna a maior produtoras de ouro do País. No Maranhão e no Pará, dentro do cinturão de Gurupi, a Kinross detém diversos direitos.

Alguns deles foram vendidos, como aqueles onde opera a Jaguar Mining com o projeto Gurupi. Mas a empresa ainda detém diversas propriedades na região, onde atua diretamente ou através de empresas como a Companhia Nacional de Mineração, que teve como presidente, no início dos anos noventa o bilionário Eike Baptista.

A recente aquisição de fornecimento de energia da ordem de 56MW, da MPX, no Maranhão, em uma termoelétrica ainda a ser construída, reacenderam as expectativas de novas aquisições na região pela Kinross. O Brasil responde por mais de 20% da produção mundial de ouro da Kinross, o equivalente a 40 toneladas por ano.

No Cinturão de Ouro Gurupi, atua ainda a canadense Luna Gold que é proprietária da Mineração Aurizona e tem uma mina com o mesmo nome, situada na parte maranhense do Gurupi. Em 2007, a Luna Gold adquiriu o projeto Aurizona, que fica localizado no município de Godofredo Viana.

O projeto Aurizona consiste em aproximadamente 80 mil hectares de área, dividido em duas partes principais, o Aurizona Main e o Aurizona Regional. O Aurizona Main é composto pelos depósitos Piaba e Tatajuba e mais de 10 alvos satélites.

O projeto possui reservas medidas e indicadas de 81 milhões de toneladas @1,38 g/t, ou seja 3,63 milhões de onças. Os recursos inferidos são de 18,54 milhões de toneladas @1,74g/t, totalizando 1,036 milhão de onças.

A produção comercial na mina foi iniciada em 2011. Em 2012, o Aurizona produziu 74.269 onças de ouro.

Em abril deste ano, a empresa anunciou que a fase I de expansão do projeto Aurizona foi aprovado e iniciado. Em 2013, a Luna Gold espera que o projeto Aurizona produza entre 68.000 e 70.000 onças de ouro. A previsão é que a produção chegue a 125 mil onças por ano até a conclusão do projeto em 2015.

A Luna Gold era proprietária de outro projeto no Gurupi, o projeto de ouro Cachoeira, que fica na porção paraense do Gurupi. Contudo em julho de 2012 o projeto foi vendido para a Brazil Resources.

O projeto Cachoeira fica localizado a aproximadamente 220km sudeste de São Luis, no Maranhão. O projeto consiste de em dois blocos, que possuem duas licenças de mineração e três licenças de exploração, cobrindo cerca de 4.742 mil hectares de área total.

Outra empresa canadense que possui projetos no Gurupi é a Jaguar Mining.

A Jaguar é proprietária do projeto em construção Gurupi, no Maranhão. De acordo com a empresa, o projeto possui recursos indicados de 69,88 milhões de toneladas @1,12 g/t, totalizando 2,51 milhões de onças de ouro.

Os recursos inferidos foram de estimados em 18,67 milhões de toneladas @ 1,03 g/t, ou seja 616 mil onças de ouro. Reservas prováveis são estimas em 63,7 milhões de toneladas @ 1,14 g/t, totalizando 2,32 milhões de onças de ouro.

A Jaguar tem focado seus trabalhos de perfuração e exploração nos alvos Chega Tudo e Cipoeiro. Contudo o projeto possui 12 alvos a serem explorados e cujos recursos não foram incluídos em estudos de pré-viabilidade do projeto. De acordo com a empresa, os alvos possuem grande potencial de mineralização de ouro.



A=Luna Gold; B=Jaguar; C=Brazil Resources. Fonte: Google Maps

Em 2012, a Jaguar recebeu licença de instalação para o projeto Gurupi, que autoriza a construção da planta de processamento do projeto. A produção do metal pode ser iniciada no primeiro trimestre de 2014.

**Autor(es): Alexildo Vaz e Fabiana Leal**

**Fonte: Notícias de Mineração**

**Data: 09/05/2013**



## **VALE QUER AUMENTAR PARTICIPAÇÃO DO MINÉRIO NO MERCADO INTERNO**

*Presidente da empresa prevê apenas 29% do market share em 2015.*

*Murilo diz que companhia vai rever o futuro dos negócios em potássio.*

O presidente da Vale, Murilo Ferreira, ressaltou nesta quinta-feira (9) que a Vale é uma empresa de mineração com foco em minério de ferro, níquel, carvão metalúrgico e fertilizantes. Em evento comemorativo dos 50 anos do Instituto do Aço, no Rio, ele disse que a prioridade da Vale é aumentar o market share de minério de ferro no país.

Segundo Murilo, a participação do minério de ferro no mercado interno, que já foi de 70%, caiu para 50% e pode chegar a 29% em 2015. "Isso não é bom, queremos crescer", disse.

O executivo disse ainda que a empresa estuda o futuro da exploração de potássio, após a saída da Vale do projeto de potássio no Rio Colorado, na Argentina. "A Vale é uma empresa de mineração e não quer liderar nenhum projeto novo no Brasil", repetiu.

Murilo Ferreira ressaltou ainda a importância da implantação da siderúrgica Aço Laminados do Pará (Alpa), mas o projeto esbarra na falta de solução logística para o escoamento do produto final.

"O sistema Norte tem importância para a Vale, que já fez a terraplanagem no projeto, mas não é possível ir em frente sem ter uma logística planejada", disse.

A solução, de acordo com o executivo, seria uma hidrovia, mas eclusas estão sem operação há meses. "A Eletronorte enxerga como prioridade a produção de energia. Há dificuldades em relação à hidrovia, mas não somos atores nesse assunto. Os atores principais são o governo federal e o governo do Pará."

Sobre a CSU, do Espírito Santo, Murilo disse que só poderia apoiar o projeto se houvesse alguma liderança que trouxesse mercado e tecnologia, o que ainda não ocorreu.

**Autor(a): Lilian Quaino**

**Fonte: G1**

**Data: 09/05/2013**

## **METADE DOS EXECUTIVOS DE MINERAÇÃO APOSTAM NO CRESCIMENTO DO SETOR**

*Estudo divulgado essa semana pela Ernst & Young aponta que as empresas de mineração estão mais confiantes sobre as perspectivas econômicas. O relatório aponta que 57% dos executivos entrevistados acreditam que a economia mundial está melhorando e 44% estão focados em crescimento.*

As empresas de mineração e metais estão ficando mais confiantes sobre as perspectivas econômicas, mas permanecem cautelosos sobre fusões e aquisições, é o que diz uma série de estudos da empresa de consultoria Ernst & Young, divulgados nessa quinta-feira.

Dos 193 executivos da área de mineração e metais de diferentes partes do mundo entrevistados recentemente pela Ernst & Young, 57% disseram acreditar que a economia mundial está melhorando, número superior aos 21% que tiveram a mesma opinião em outubro de 2012.

Ao mesmo tempo, 44% dos entrevistados disseram que agora estão focados em crescimento, comparado a aos 38% em outubro do ano passado. Dos entrevistados, 46% disseram que estão vendo melhora na disponibilidade de crédito, contra 30% em outubro.

No entanto, o apetite por fusão e aquisição permanece subjugado. Segundo o estudo apenas 24% dos entrevistados planejam fazer uma compra nos próximos 12 meses, ante os 28% em outubro.

A abordagem cautelosa para fusões e aquisições também se reflete no relatório de M&A (sigla em inglês para Fusões e Aquisições) referente ao primeiro trimestre. O número total de contratos mineração e metais caiu 45% no ano, para US \$ 16,3 bilhões no primeiro trimestre, enquanto o volume de negócios caiu 35% no ano passado para 168 negócios fechados no primeiro trimestre.

Segundo o líder de Consultoria de Transações Mundiais de Mineração e Metais da Ernst & Young, Lee Downham, "as empresas estão fazendo uma pausa para respirar, agora, eles estão se concentrando na otimização de sua base operacional e de capital". "As empresas estão optando por menor crescimento orgânico de riscos, otimizando a alocação de capital e desinvestimentos estratégicos", disse Downham, em entrevista à Dow Jones News.

Segundo o relatório, a alienação de ativos continuará a ser uma prioridade para os grandes produtores nos próximos anos, com 43% dos entrevistados consultados no estudo da Ernst&Young dizendo que eles planejam lançar programas de desinvestimento ao longo dos próximos dois anos.

Uma série de ex-CEOs de mineração e altos banqueiros de investimento estão criando ou criaram seus próprios fundos de investimento para comprar minas no atual momento de contração do mercado. O CEO da Xstrata, Mick Davis, contratou a Goldman Sachs Group (GS) para levantar bilhões de dólares para comprar minas enquanto o ex-CEO da Vale, Roger Agnelli, já está captando ativos de mineração por meio de sua empresa B&A Mineração.

**Fonte: Notícias de Mineração**

**Data: 09/05/2013**